

# Uma eleição em 1958

ADIRSON VASCONCELOS  
Especial para o CORREIO

**A**ntes da eleição presidencial de 1960, que foi a sua primeira e única, Brasília teve uma iniciativa eleitoral em 1958, votando o pessoal da Cidade Livre e dos acampamentos das obras do Plano Piloto e da Novacap nas eleições para vereador das cidades goianas de Luziânia e Planaltina. Nesta eleição, foi grande a influência do eleitorado candango nas duas cidades. E muitas surpresas surgiram do resultado das urnas, inclusive a eleição das primeiras mulheres vereadoras e a reviravolta na política, com a derrota dos partidos dominantes.

Naquele tempo, embora já desapropriadas as terras para servirem à nova Capital, o território do futuro Distrito Federal continuava, ainda, pertencendo, juridicamente, aos municípios de Luziânia e Planaltina, na sua maior parte. Assim, o grande divisor dos dois municípios goianos era o córrego Vicente Pires, aquele que margelia o Núcleo Bandeirante, a antiga Cidade Livre. Quem estivesse à margem direita do Vicente Pires — ao Sul, isto é, morando na chamada Cidade Livre e na Fazenda Gama, era habitante e eleitor do município de Luziânia. E, quem ficasse à margem esquerda — ao Norte, isto é, na Nova capital — Administração, Hospital JK e nas obras do futuro Plano Piloto, habitava terras de Planaltina. Em razão disto, os moradores da Cidade Livre e região poderiam se inscrever eleitores de Luziânia. E quem trabalhasse na Novacap e nas obras do Plano seria eleitor de Planaltina.

No grande canteiro de obras, onde seria Brasília, moravam, já naquele ano de 1958, 6.283 pessoas, das quais 3.974 eram eleitores. Destes, 2.112 se inscreveram em Luziânia e 1.862 em Planaltina.

A campanha eleitoral de 58 desenvolveu para eleger os vereadores para as duas cidades. E muitos dos concorrentes, em ambas, eram pessoas pertencentes aos quadros das obras de Brasília, naturalmente recém-chegados e sem tradição nestas cidades, mas, que tinham a segurança de um forte contingente de eleitores que representava cerca de cinquenta por cento do eleitorado total.

No dia da eleição, 3 de outubro de 1958, os eleitores candangos inscritos em Luziânia votaram na Cidade Livre (hoje, Núcleo Bandeirante), onde foram instaladas sete seções eleitorais. E, os que estavam inscritos em Planaltina, votaram na

Administração da Novacap, no prédio onde funcionava a Escola Júlia Kubitschek, instalando-se, ali seis urnas.

A influência do eleitorado candango foi sensível. A começar pelo número de eleitores aqui inscritos, representando quase a metade do universo eleitoral em cada cidade. Assim, dos treze vereadores eleitos, em Luziânia, dois eram genuinamente candangos: Edistio Carlos Fernandes, representante do PSD, e Denise Ayres do Couto, do PTB. E, em Planaltina, dos sete eleitos, três eram candangos: Armando Barreto, Alfredo Lopes da Silva e Benedito Bispo dos Santos, todos representantes do PTB.

A presença do eleitorado candango se fez notar, também, pela mudança do quadro político-partidário, tanto em Luziânia quanto em Planaltina.

Em Luziânia, a UDN era o tradicional vencedor de todos os pleitos. Neste, pela primeira vez, o PSD conseguiu empatar, formando seis vereadores, e a UDN, seis — o que significou uma grande vitória para o partido do presidente Juscelino, tendo o senador Pedro Ludovico, do PSD-Goiás, destacado este fato pela imprensa nacional, na época. E, pela primeira vez, o PTB — Partido Trabalhista Brasileiro, tem assento naquela Câmara, com um representante. O quadro de vereadores ficou assim formado: do PSD, José Dilermando Melreles (depois prefeito, procurador do GDF e presidente da Academia de Letras), Belarmino Roriz, Jalles José de Moraes, Cesar Hosana Batista, Edimundo Marques Guimarães e Edistio Carlos Fernandes (este, de Brasília); da UDN: Jesus Melreles, Alceu de Araújo Roriz, Euclides Braz de Queiroz, Antonio do Espírito Santo Reis, Miguel de Jesus Salomão e Woltairé Aires Cavalcante este, do distrito de Brazlândia); e do PTB: Denise Aires do Couto (de Brasília).

Em Planaltina, o tradicional vencedor — o PSP (Partido Social Progressista, de Adhemar de Barros e de Hosana Guimarães) empatou com um partido desconhecido na cidade e que concorria pela primeira vez: o PTB, elegendo, cada qual, três vereadores. E o PSD Partido Social Democrático elegerá um. PSD-PTB eram partidos coligados. E o quadro de vereadores de Planaltina ficou assim constituído: do PSP: Olíbia Teresinha Guimarães (depois, Lima Rocha), José Nunes Ataíde e Mário Batista de Sousa; do PTB: Armando Barre-

to, Alfredo Lopes da Silva e Benedito Bispo dos Santos (todos de Brasília); e do PSD: Rogacião Braga. Planaltina também elegeu o prefeito: Osvaldo Vaz, representante do PTB e do grupo dos trabalhadores da futura capital. O pleito de Planaltina foi presidido pelo juiz Lúcio Arantes que, depois, foi juiz e desembargador em Brasília.

O fato, porém, mais significativo e curioso deste pleito foi a eleição, pela primeira vez, de mulheres para assento nas câmaras de vereadores, tanto de Luziânia quanto de Planaltina. Para Luziânia, elegeu-se Denise Ayres do Couto, candidata do PTB e dos trabalhadores das obras de Brasília. E a jovem advogada Olíbia Teresinha Guimarães, filha de tradicional família planaltinense, foi eleita para a Câmara de Vereadores de sua cidade, com o voto também — segundo se informa — do eleitorado candango, pois era uma grande defensora da mudança da capital, tendo sido, inclusive, uma das conferencistas da Primeira Semana Mundancista, promovida pelos estudantes de Goiás e de São Paulo, na capital paulista, em 1957. Mais curioso e notável ainda foi o fato da votação dada a Olíbia Teresinha Guimarães, cujo número de votos superior à soma de todos os outros seis candidatos eleitos.

A par destas peculiaridades, que revelam um estilo de voto muito diferenciado e inovador do eleitor que se fixava em Brasília, já em 1958, vale notar que na eleição presidencialista de 1960, o eleitor brasiliense também deu provas de uma consciência eleitoral muito especial e genuína, pois, enquanto no resto do Brasil Jânio Quadros obteve uma esmagadora maioria para a Presidência da República (... e deu no que deu!), em Brasília, Jânio sofreu uma fragorosa derrota, em termos proporcionais. O eleitorado revelou-se de muita antevisão, autêntico e crítico. A perdurar o espírito destas duas primeiras experiências eleitorais de Brasília, esta atual eleição, mesmo depois de um longo interregno, poderá, igualmente, oferecer peculiaridades muito especiais e revelar muitas surpresas, a exemplo do que ocorreu no passado. E poderá ocorrer o fenômeno Olíbia, de Planaltina: a mais votada ser uma mulher. Ou, a virada de Luziânia. E outras surpresas mais.

Adirson Vasconcelos é jornalista e historiador de Brasília, com mais de dez livros publicados.